

VOZES em defesa da fé

CADERNO

39

**Os Sete
Sacramentos
de Cristo**

15883



EDITORA VOZES LTDA.

OS DOIS HOMENS QUE MAIS INFLUEM NA NOSSA VIDA

Nós não temos voz na escolha dos nossos ancestrais. E, no entanto, os nossos antepassados de milhares de anos atrás exercem uma poderosa influência sobre a nossa vida de hoje.

Isto é verdade não só para o indivíduo como também para toda a humanidade. E a vida da raça humana tem sido profunda e largamente afetada por dois homens destacados. Eles são, de muito, os homens mais influentes que o mundo já conheceu.

O primeiro deles foi Adão, o pai terreno da família humana. Nos desígnios especiais de Deus, ele foi muito mais do que o primeiro homem. Foi o chefe — o representante de todos os filhos de Deus que nascessem neste mundo. Nas suas mãos foi entregue o destino de todos os seus descendentes por todo o tempo futuro.

A queda de Adão

Se Adão se houvesse provado fiel, os seus descendentes, ao nascerem, ter-se-iam beneficiado da graça de que haviam sido dotados. Teríamos nascido sem a mácula do pecado. Teríamos inicia-



do a vida como a iniciou Adão, com uma vitalidade especial, com uma energia de mente e de vontade que o tornava capaz de uma vida perfeita... vida aproximada da que é vivida pelas criaturas de Deus no céu.

Gozaríamos de favores tais como isenção da morte... isenção do menor

incômodo físico como de toda dor intensa... e a posse de um auto-contrôle completo, inteligente.

Tudo isso Adão teve confiado a si para as futuras gerações. Tudo isso poderia ele ter transmitido àqueles que deveriam seguir-lhe... se houvesse ficado fiel a essa confiança.

Mas Adão faltou — e faltou pecaminosamente. “Por um só homem o pecado entrou no mundo...” (Rom 5, 12). Foi a desobediência de Adão, foi a sua deslealdade ao seu Criador, que tirou dele a generosa graça de Deus. E tudo o que lhe fôra confiado Adão o perdeu para toda a humanidade tanto como para si mesmo.

Culpa herdada

Não somente seus filhos, mas os filhos de seus filhos descen-

dentes dêle, foram privados da-
quilo que o seu Criador preten-
deu que êles tivessem. Nós vie-
mos ao mundo pecaminosamente,
despojados dos dons de Deus que
deviam ser nossos no nosso nas-
cimento. À medida que uma ge-
ração se segue a outra geração,
a imagem pecaminosa do primei-
ro Adão lança a sua sombra sô-
bre a família humana.

Adão, foi, e ainda é, um dos
homens mais influentes no mundo.

Mas há outro representante-
chefe de tóda a humanidade, mais
influente mesmo do que Adão.
"Deus amou tanto o mundo que
deu seu Filho unigênito, para que
todos os que nêle crêem não pe-
reçam, mas tenham a vida eter-
na. Porque Deus não enviou seu
Filho ao mundo para julgar o
mundo, mas para que por êle o
mundo fôsse salvo" (Jo 3, 16-17).

Jesus Cristo — o Filho Eter-
no do Eterno Pai — fêz-se ho-
mem, o segundo Adão (Rom 5,
15-19), para desfazer o mal fei-
to pela desobediência do primei-
ro Adão... para reconciliar a
humanidade com seu Pai cele-
ste... para restaurar a vida que
estava perdida.

O Novo «Adão»

"Porque, assim como em Adão
todos morrem, assim também em
Cristo todos viverão" (1 Cor 15,
22).

"O primeiro homem era da
terra, terreno; o segundo homem
é do céu, celeste". Através da
influência do primeiro homem,
nós nascemos com a sua pecami-
nosa semelhança terrena, mas

através da influência do novo
Adão pode isto ser mudado, e
nós trazemos a sua semelhança
celeste (1 Cor 15, 45-49).

E, assim como o primeiro Adão
influi em todos os homens pelo
seu pecado, assim também o se-
gundo Adão influi em todos pela
sua morte oferecida para a Re-
denção dêles. "Cristo morreu por
todos... Portanto, se alguém está
em Cristo, é uma nova criatura;
as coisas antigas passaram...
foram tornadas novas" (2 Cor
5, 14-17). "Nêle temos a reden-
ção por meio do seu sangue, a
remissão dos pecados, consoante
a riqueza da sua graça... nêle
são restauradas tôdas as coisas
no céu e na terra" (Ef 1, 7-10).

Jesus Cristo foi e ainda é o
homem mais influente no mundo.

Cristo, o Salvador

Tôda a ciência da religião, tôda
a fé cristã, consiste pròpriamente,
no conhecimento dos dois Adões.
Consiste em conhecer o que her-
damos do primeiro e o que livre-
mente recebemos do segundo. A
natureza humana caiu em Adão e
foi reparada em Jesus Cristo.

Cristo tornou possível para to-
dos nós que fôsse restaurado
aquilo que perdemos. Mas nós de-
vemos tomar parte nessa restau-
ração. Devemos aceitar a salva-
ção que Cristo nos oferece (Ef 5,
2). Como podemos, porém, ser be-
neficiados pela influência de Je-
sus Cristo? Esta é a questão mais
importante que qualquer homem
pode propor-se a si mesmo. E a
resposta do próprio Jesus Cristo
é: "Eu sou a vinha e vós sois

os ramos. Aquêles que fica em mim e eu nêle, êsse dá muito fruto; porque sem mim nada podem fazer" (Jo 15, 5).

Devemos estar unidos a Ele. Mas como? Novamente Cristo fornece a resposta: "Quem crer e fôr batizado será salvo" (Mc 16, 16). Cada um destes dois elos — a fé e o Batismo — serve à sua finalidade especial. O elo da fé é fundamental, visto constituir o primeiro passo do adulto para a união com Cristo; mas, sozinho, não basta. "Nem todo aquêles que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no reino do céu" (Mt 7, 21). O Batismo é necessário para completar o elo da fé: "Se o homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 5).

O Espírito Santo

E' pelo Batismo que somos unidos a Cristo de modo a recebermos o pleno benefício da sua redenção. "... segundo a sua misericórdia, êle (Deus) salvou-nos pelo lavacro da regeneração e pela renovação do Espírito Santo, que êle derramou abundantemente sobre nós por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, sejamos herdeiros na esperança da vida eterna" (Tito 3, 5-7).

O Batismo, que efetua o nosso renascimento, é o instrumento por meio do qual Cristo repara a nossa natureza humana e restaura o que foi perdido para nós

pela queda de Adão. "... Cristo também amou a sua Igreja, e entregou-se por ela, para santificá-la, purificando-a no lavacro de água por meio da palavra de vida..." (Ef 5, 26). Destarte, é claro que o Batismo corta o fio que nos prende ao primeiro Adão e põe em lugar dêle o elo necessário entre nós mesmos e Cristo. Isto é ainda mais claramente expresso em outras passagens da palavra de Deus escrita, quando ali é declarado que pelo Batismo nós "nos revestimos de Cristo", somos sepultados com Cristo quanto à nossa antiga vida, e com Ele ressuscitamos para uma nova Vida, renascemos, etc. (Gál 3, 24; Rom 6, 4; Ef 4, 22-24).

Mas o Batismo é apenas o começo da vida cristã. Para intensificar essa vida e preservá-la... para nos fazer chegar sempre para mais perto de Deus... devemos continuar a recorrer freqüentemente ao auxílio de Cristo.

Prevendo esta necessidade, Cristo proveu-nos de meios especiais para fazermos face às necessidades básicas da vida cristã no mundo de hoje. Fê-lo fornecendo os meios pelos quais êle torna facilmente acessíveis a todos e a cada um os benefícios que êle nos possibilitou mediante a sua paixão e morte. E' obrigação nossa fazermos sincero e frutuoso uso desses meios instituídos por Cristo, os quais por muitos séculos têm sido conhecidos como "Os Sacramentos".

Os Sete Sacramentos de Cristo no mundo de hoje

Não é surpreendente que os não-católicos fiquem desconcertados com algumas práticas católicas. Eles têm pouca ou nenhuma idéia da fé que sugere essas práticas, ou da história que há por trás delas. Isto é especialmente verdadeiro dos Sete Sacramentos.

Não-católicos que tenham assistido a um Batismo católico, que tenham assistido à Missa quando os católicos recebiam a Sagrada Comunhão, ou que tenham presenciado a ordenação de um sacerdote católico... muitas vezes ficam perplexos com essas cerimônias. Mesmo quando esses Sacramentos são administrados em emergências, sem o cerimonial usual, algumas pessoas se admiram do derrame de água na cabeça, no Batismo, da unção de óleo, da reverente recepção daquilo que aparenta ser pão. Alguns perguntarão: "Que bem pode fazer tudo isso?" Críticos mais severos murmuram: "São uns loucos!"

A resposta, naturalmente, depende das respostas a outras perguntas, como estas: Quem foi Cristo? Qual foi o seu plano para o cumprimento da sua missão de salvar o seu povo dos seus pecados? Como está ele executan-

do esse plano no mundo de hoje?

Jesus Cristo era verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Como homem, viveu na terra entre os outros homens, tratando com eles de maneira humana. Achou a vida humana abundando no uso de sinais — palavras, ações e coisas significativas. Os nossos pensamentos são ocultos ao próximo, e por isto os exprimimos por palavras — sons significativos ou caracteres escritos. O nosso amor ao nosso país está oculto no nosso coração; tornamo-lo conhecido pela ação significativa de saudar a bandeira. O nosso pesar e o nosso luto podem estar manando dentro de nós; tornamo-los conhecidos usando roupas pretas. Ninguém jamais viu, ouviu, sentiu ou palpou realidades tais como o amor, a dor e a amizade. Pelos seus sinais externos é que as conhecemos.

Por isto Jesus Cristo usou sinais em tratando com os homens seus semelhantes — sinais que eles estavam acostumados a usar e sinais que Ele mesmo criou.

Na ocasião em que Ele identificou a sua missão no mundo com a dos seus Apóstolos que ele enviava pelo mundo com o poder de perdoar ou reter pecados, disse-lhes: "Recebei o Espírito San-

to". Ora, o Espírito Santo é invisível, e a sua presença não pode ser percebida pelos sentidos humanos. E, como sinal de que eles realmente recebiam o Espírito Santo, Cristo não só usou palavras, mas *soprou* sobre eles. Esta ação significativa era para eles um sinal claro da vinda do Espírito Santo, e, juntamente com a segurança das palavras de Cristo, eles sentiam também o sôpro assegurador de Deus.

Cristo poderia ter-lhes dado o Espírito Santo por um mero ato da sua vontade, mas escolheu um meio de usar palavras e uma ação que significasse, não só para as mentes como também para os sentidos deles, a realidade do efeito invisível da sua vontade.

"Sem mim nada podeis fazer", dissera Cristo. E, antes de deixar este mundo, Ele forneceu os meios de nos dar esse auxílio em todos os problemas da vida cristã. Para o nosso nascimento na vida cristã, deixou-nos o Batismo; para o nosso crescimento nela deixou-nos a Confirmação; para o nutrimento da nossa vida cristã, deixou-nos a Sagrada Eucaristia; para a restauração da vida perdida pelo pecado e para a purificação da culpa do pecado, deixou-nos a Penitência; para os que escolhem o estado matrimonial, elevou o Matrimônio a Sacramento; para os que quisessem ser seus ministros, deixou o Sacramento das Sagradas Ordens. Finalmente estabeleceu a Extrema-Unção — a Última Unção, — para confortar as almas dos cristãos moribundos e prepará-las pa-

ra uma pronta entrada no Céu.

Cada um desses Sacramentos é um sinal exterior da graça invisível que Cristo dá aos que os recebem. Cada sinal exterior foi por Ele escolhido como uma cerimônia significativa que Ele usaria ao dar e sustentar a vida que Ele viera trazer à terra. Cada dom da graça foi simbolizado por um sinal exterior que os homens pudessem entender. Nada foi deixado à fantasia ou imaginação.

"Se não renascerdes da água e do Espírito, não podeis entrar no reino de Deus", foi o que Cristo disse acerca do Batismo. Sem dúvida, é o próprio Deus quem realmente regenera o homem, e não há magia na água. Mas o uso da água é o meio provido por Deus por meio do qual essa graça é recebida.

Quando purificou os dez leprosos, Cristo estabeleceu como condição da cura que eles fôssem mostrar-se aos sacerdotes. Quando eles cumpriram isso, foram curados. Assim sucede com o Batismo, em que a lavagem com água é justamente uma condição tanto como o é a boa intenção daquele que vai ser batizado. Uma vez preenchida a condição indispensável, então, mediante a graça de Cristo, a pessoa renasce verdadeiramente.

Mas a lavagem com água também é prova, para nós, de haveremos recebido o renascimento prometido. Se a concessão da graça de regeneração fôsse invisível e inteiramente espiritual, como poderíamos estar certos de a ha-

vermos recebido? Quando são usados os meios escolhidos por Cristo e preenchidas as suas condições, podemos ter essa certeza.

O mesmo sucede com os outros Sacramentos. Cada um tem as suas palavras prescritas, a serem usadas com ações específicas. Os que crêem no ensino de Cristo sabem que a graça especial de cada Sacramento foi recebida se essas condições foram preenchidas e se a mente e o coração estavam convenientemente preparados.

O Sacramento que torna um homem sacerdote e lhe dá poderes muito grandes depende de certas condições, palavras e ações, acerca das quais não há lugar para dúvida. Se todas elas fossem invisíveis, e tivessem lugar somente no segrêdo da alma daquêle que devesse tornar-se sacerdote, quem poderia estar certo de que êle fôra ordenado? Os sinais exteriores dados por Cristo fornecem essa garantia.

Embora seja Deus quem perdoa os pecados do homem, as condições sob as quais Êle concede o perdão são tão definidas como aquelas que Êle impôs aos leprosos. Se as desrespeitarmos, fá-lo-emos para nosso próprio risco. Quando as condições de pesar e de confissão são preenchidas, e quando a absolvição é pronunciada pelo ministro de Cristo legalmente delegado, o peccador é assegurado do seu perdão.

A cerimônia externa... a imposição das mãos do Bispo quando êste pronuncia as palavras da ordenação — a confissão dos pecados e as palavras de absolvição pronunciadas pelo sacerdote — a unção com óleo quando o sacerdote ora pelo cristão moribundo... não têm, em si, poder para santificar a alma do homem. Mas, quando tais cerimônias são usadas pelo próprio Cristo na pessoa dos seus ministros, tornam-se ação d'êle e são cheias do poder de Deus.

A vida começa no Batismo

Difícilmente poderíamos censurar Nicodemos por ter ficado perplexo quando ouviu pela vez primeira Cristo dizer: "Amen, amen, digo-vos, se o homem não nascer de novo, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 5). Podemos imaginar o seu honesto interesse quando ele perguntou: "Como pode um homem nascer outra vez quando já é velho? Pode ele entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer de novo?"

Cristo, por certo, não falava só a Nicodemos, pois disse: "Se o homem (isto é, se alguém) — não nascer outra vez..." Só podemos duvidar da necessidade de nascer outra vez se duvidarmos de Cristo e o contradissemos, pois Ele disse claramente a Nicodemos: "Amen, amen, digo-vos, se o homem não nascer outra vez da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne; e o que nasceu do Espírito é espírito" (Jo 3, 5-6).

«Eu te batizo»

Se entrardes numa igreja católica num domingo à tarde, podeis ver um grupo de pessoas cá



no fundo da igreja, em torno daquilo que é chamado a pia batismal. Podereis testemunhar o batizado de uma criança de colo, de um homem maduro, de uma mulher de meia-idade. Podereis ver a água derramada nas suas cabeças e ouvir o padre repetir as palavras: "Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Seja qual for a idade, a vida começará para ele naquele momento. Porque é no Batismo que nós "nascemos outra vez da água e do Espírito", como Cristo disse que devemos nascer.

Nascidos de novo no Batismo, tornamo-nos verdadeiros seguidores de Cristo. Agora estamos prontos a viver verdadeiramente vidas cristãs. Porquanto o Cristianismo não é meramente uma mensagem a ser aceita, é uma vida a ser vivida.

Foi Cristo quem disse: "Vim para que os homens tenham a vida, e a tenham mais abundantemente". Ele falava a todos os homens — aos já nascidos no mundo como o era Nicodemos, e aos milhões de milhões ainda por

virem à terra no correr das idades. Esta é a vida que Cristo restaura para nós, a vida que Ele veio trazer quando estávamos mortos nos nossos pecados. Esta é a vida outrora perdida através do pecado de Adão... e tornada a ganhar para nós pelo sofrimento e morte de Jesus. O Apóstolo Paulo diz-nos que somos batizados "de modo que andemos também em novidade de vida" (Rom 6, 4).

A nossa Nova Vida

Mas que é essa nova vida que começamos a viver por meio do batismo? Por que razão é necessário para nós o renascermos antes de podermos entrar no Reino de Deus?

S. João responde dizendo: "Mas a todos os que o recebem (a Cristo) êle deu o poder de se tornarem filhos de Deus; aos que crêem no seu nome; que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1, 12-15). Essa nova vida é viver como filho de Deus!

O dom de Deus

Mediante o Batismo, Cristo dá lugar a que nasçamos de novo para uma vida que não é nossa por direito... para uma vida outrora perdida pelo pecado de nossos primeiros pais... para uma vida na qual vivemos como filhos de Deus. "Porque todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Ora, vós não recebestes um espírito de servidão de modo a estardes outra vez em temor, mas rece-

bestes um espírito de adoção como filhos, pela virtude do qual clamamos 'Abba! Pai!' O próprio Espírito dá ao nosso espírito testemunho de sermos filhos de Deus. Mas, se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros realmente de Deus e co-herdeiros de Cristo, contanto, todavia, que soframos com êle, para com êle podermos ser também glorificados" (Rom 9, 14-17).

Mediante essa nova vida em que nascemos de Deus, podemos chamar a Deus nosso Pai. Como S. Paulo diz, tornamo-nos verdadeiramente herdeiros do Céu. Somente vivendo essa vida é que podemos ter direito à misericórdia e às promessas de Deus. Só então podemos visar à glória do Céu para a qual fomos criados. "Predestinou-nos a sermos, por meio de Jesus Cristo, adotados como seus filhos, segundo o propósito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, com a qual nos favoreceu em seu Filho diletto" (Ef 1, 5-6).

Os que não foram batizados carecem de alguma coisa mais importante do que qualquer outra coisa no mundo. Muitos dos que foram batizados não imaginam o que lhes sucedeu quando "nasceram de novo". Notai que S. Paulo disse que essa nova vida nos torna herdeiros do Céu com Cristo "desde que soframos com êle, para com êle podermos ser também glorificados".

O que devemos fazer

Essa nova vida que Cristo nos deu não é, entretanto, uma bên-

ção a dever ser aceita e depois abandonada. É uma vida a ser vivida. Ela exige de nós certas ações — as boas obras a que somos inspirados por Deus e que Ele nos dá o poder de realizarmos. Ela exige nutrição e força — que recebemos de Cristo através dos Sacramentos da sua Igreja. Um cristão batizado pode ser tão mau como o pagão mais entenebrecido. De fato, será até pior se deixar de viver essa vida, pois o poder de vivê-la lhe foi dado por Cristo.

“Quanto à vossa antiga maneira de vida, deveis despojar-vos do homem velho, que se corrompe segundo os desejos do erro. Renovai-vos, pois, no espírito do vosso entendimento. E vesti-vos do homem novo, que foi criado segundo Deus, na justiça e na santidade da verdade” (Ef 4, 22-24).

O cunho que o cristão recebeu no Batismo fica, portanto, com ele perpétuamente, ou para sua glória ou para sua vergonha. Para sua glória se ele vive a vida cristã, e para sua vergonha se recusou vivê-la.

Cristo escolheu dar essa vida nova por meio do Sacramento do Batismo. Ele opera esse renascimento em nós, como Ele disse a Nicodemos, por meio da cerimônia de lavar com água. Quando a água toca a nossa carne, à semelhança da purificação corporal, nossa alma é purificada dos efeitos do pecado de Adão que recebemos desde o nosso nascimento. Disto somos assegurados pela própria promessa de Cristo.

Imersão não necessária

A maneira ordinária de batizar na Igreja primitiva era por imersão, mas os Apóstolos aparentemente usavam também outros métodos. É duvidoso, para dizer o menos possível, que os 3.000 convertidos de S. Pedro no dia de Pentecostes (At 2, 41) tenham sido imergidos, e isto por causa da escassez de água na cidade de Jerusalém; ou que a imersão tenha sido praticada em casa de Cornélio (At 10, 47-48) ou na prisão de Filipes (At 16, 33).

A palavra “batizar”, no tempo de Cristo, significava simplesmente “lavar”. Assim S. Marcos (Mc 7, 2-4). fala do “batismo” das mãos no texto original grego, quando se refere à lavagem das mãos antes das refeições. A *Doutrina dos Apóstolos*, livro escrito por alguns dos discípulos em fins do século primeiro, menciona que o Batismo pode ser conferido simplesmente derramando água na cabeça de uma pessoa.

Cristo certamente encarceu o Batismo como condição absoluta e necessária para a salvação de alguém: “Se o homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”. Como todos nós vimos ao mundo com os efeitos do pecado de Adão, e uma vez que o Batismo é necessário se quisermos renascer como filhos de Deus e herdeiros do Céu, até mesmo as crianças devem ser batizadas se quiserem receber essa vida cristã. Se a imersão fôsse necessária

no Batismo, muita gente nunca poderia receber este grande dom de Cristo. Muitas vezes a imersão é impossível para os doentes... para os moribundos... para os esquimós no longínquo Norte... para os habitantes do deserto. Muitas crianças teriam de morrer como nasceram — com o pecado original.

A cerimônia

Cristo nos deu a cerimônia que devemos usar — lavagem com água. Deu-nos as palavras que devemos usar: "Batizando em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28, 19). Quando preenchemos estas condições, Ele verdadeiramente faz por nós aquilo que prometeu.

O Batismo tem sido reconhecido pelos homens, através das idades, como o acontecimento mais importante na nossa vida. E este rito tem sido cercado de cerimônias de apropriada solenidade que, embora não sendo essenciais, ajudam a incutir nos homens um senso da importância deste Sacramento. A Igreja prescreve ritos que Cristo usou em outras ocasiões para tornar solene alguma ação que Ele estava praticando. Cristo usou certas ceri-

mônias ao curar as pessoas — como soprar na face de um e tocar com os dedos os ouvidos de outro. Como toda cura de Cristo simbolizava o seu perdão do pecado, e como o Batismo é o grande Sacramento do perdão, cerimônias simbólicas são uma parte do rito inteiro do Batismo, exceto em emergências, quando só a água essencial é usada.

"Se, pois, alguém é em Cristo uma nova criatura, as coisas antigas passaram; eis que tudo foi feito novo. Tudo, porém, vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação" (2 Cor 5, 17-18).

Que maior privilégio poderíamos nós homens ter do que nascermos por meio do Batismo para essa vida de Cristo — termos a Deus como nosso Pai e sabermos que somos por Ele amados como filhos queridos? Se os nossos aniversários são ocasiões de felicidade, quão mais alegremente deveríamos celebrar os aniversários do nascimento que recebemos por meio da água e do Espírito — por meio do Batismo, quando então a vida verdadeiramente começa!

Recebereis a fôrça quando o Espírito Santo vier sobre vós

Nenhum cristão pode descurar ou desrespeitar esta positiva promessa feita por Jesus Cristo (At 1, 8). E os que não são cristãos fariam bem em considerá-la.

O cumprimento dessa promessa na Igreja Católica de hoje, cumprimento outrora conhecido como "imposição das mãos", é agora chamado o Sacramento da Confirmação (fortalecimento), e usualmente é administrado às crianças na sua primeira juventude.

A Confirmação é para o Batismo o que o crescimento é para o nascimento. Quando as crianças são batizadas como infantes, são feitas filhas de Deus, súditos de Cristo e membros da sua Igreja. Mas, quando o uso de razão é mais completamente atingido, o rapaz ou a rapariga necessita de novo auxílio para levar uma corajosa vida cristã, especialmente com a aproximação dos anos maduros. Então o Batismo é fortalecido pela Confirmação.

Cristo deixou os meios

Há nos Evangelhos passagens que indicam a intenção de Cris-



to de propiciar um meio pelo qual os membros da Igreja recebessem o Espírito Santo e os seus dons de graça auxiliadora.

Lemos na sua promessa feita na Última Ceia: "Rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Advogado (auxiliador, confortador), para ficar convosco sempre... o Advogado, o Es-

pírito Santo, que o Pai enviar em meu nome, êsse vos ensinar tôdas as coisas..." (Jo 14, 16 26). Estas palavras, embora ditas sòmente aos Apóstolos, referiam-se à vinda do Espírito Santo sôbre todos os discípulos de Cristo, porquanto S. João nos diz: "Isto êle disse do Espírito que deveriam receber os que nêle cressem" (Jo 7, 39).

Prova de que os Apóstolos conheciam e executaram a intenção dêle a êste respeito é achada nos Atos dos Apóstolos: "Ora, quando os Apóstolos em Jerusalém ouviram dizer que a Samaria tinha recebido a palavra de Deus, enviaram a êles Pedro e João. A sua chegada, êstes oraram por êles, para que êles recebessem o Espírito Santo; pois êste ainda não tinha vindo sôbre êles, mas êles tinham sido apenas ba-

tizados em nome do Senhor Jesus. Então impuseram as mãos sobre eles, e eles receberam o Espírito Santo" (At 8, 14-17).

E hoje em dia, após uma profunda preparação nos ensinamentos de Cristo e da sua Igreja, os jovens católicos são apresentados ao bispo, sucessor direto dos Apóstolos, o qual estende as mãos sobre eles e ora para que eles recebam o Espírito Santo e os seus dons.

«O Sinal da Cruz»

Então o bispo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, põe a mão direita sobre a cabeça deles e lhes traça na fronte o Sinal da Cruz com óleo bento, dizendo: "Assinalo-te com o Sinal da Cruz e confirmo-te com o crisma da salvação, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". O confirmado é, assim, marcado com o Sinal da Cruz, o emblema de Cristo, a cujo serviço ele é consagrado e a quem não se envergonhará de confessar perante o mundo inteiro.

O uso de óleo é significativo. Como uma unção que fortalece, conforta e cura o corpo, ele representa o poder do Espírito Santo, que fortalece os confirmados e intensifica a graça de Deus em suas almas.

O jovem ou a jovem cristãos muitas vezes vêm a ter a fé simples, inquestionável, dos seus primeiros anos escarnecida e condenada. Ouvem os seus ideais cristãos ridicularizados e, muitas vezes, tão plausivelmente, que a sua fé é posta em xeque. E' esse um tempo em que a sua fé cristã

necessita ser amparada e fortalecida. Isto reclama não só um punhado mais cheio de ensino cristão, como também o auxílio real do Espírito Santo, trazendo madureza à sua fé e guardando-os contra fraquezas que poderiam fazê-los vítimas de falsidade ou de erro.

Como a vida é uma luta, devem eles estar preparados para lutar, do contrário estarão perdidos. O Sacramento da Confirmação é que os aparelha para essa tarefa. Ajuda-os a serem fiéis à oração... a receberem os Sacramentos de maneira digna... a serem leais a Cristo e à sua Igreja quando desejos instintivos tornarem isto difícil... a serem estritamente honestos quando outros parecerem prosperar pela desonestidade... a serem limpos em pensamentos, palavras e obras quando a imundície do pecado os circunda... a se apegarem aos seus princípios mesmo em face do ridículo e do desprezo.

O bispo dá ao confirmado uma leve palmada na face, dizendo: "A paz seja convosco". Isto é um lembrete de que eles devem estar prontos a aturar sofrimento por Cristo, cuja causa esposaram.

A Confirmação confere a graça iluminadora de Deus somente na medida em que o confirmado estiver disposto a recebê-la. Deve, pois, o confirmado estar bem preparado para apreciar esse dom.

Falta alguma coisa na vida dos que foram batizados mas nunca confirmados. Eles não estão fortalecidos pelo Espírito Santo com a força tão necessária para a vida cristã normal.

Este alimento é chamado **EUCARISTIA**

Um proeminente leigo católico escreveu a breve descrição seguinte da função religiosa do domingo na Igreja Católica:

"No domingo, há uma assembléia, num só lugar, de todos os que habitam nas cidades ou no campo, e nela são lidas as memórias ou os escritos dos profetas, na medida em que as circunstâncias o permitem. Depois, quando o leitor cessa de ler, aquele que preside profere um discurso no qual relembra essas boas coisas e exorta à imitação delas. Então todos nós nos levantamos e oramos, e, quando cessamos de orar, é trazido pão e vinho e água, e aquele que preside oferece oração e ação de graças... e esse alimento é chamado entre nós a Eucaristia... porquanto nós não recebemos estas coisas como sendo pão comum e bebida comum... mas como sendo a Carne e o Sangue de Jesus encarnado" (Livro de Apologia, I, 65, 66).



165 e que deu a sua vida pela Fé. Esse foi um de uma porção de livros que explicam os ensinamentos e práticas da Igreja Católica apenas 50 anos depois da morte de S. João, o último dos Apóstolos.

A mesma cena hoje em dia

Muitas gerações passaram desde que Justino morreu mas o que ele descreveu aos pagãos de Roma ainda pode ser visto em qualquer igreja católica todo domingo de manhã.

Ali achar-nos-eis reunidos, vindos das cidades e dos campos, ouvireis ler os Evangelhos e as Epístolas e as profecias... ouvireis a exortação do sacerdote que preside... ouvireis oração e ação de graças, e vereis o oferecimento do pão e do vinho misturado com água. E, como qualquer católico lhe dirá, esse alimento é chamado entre nós a Eucaristia, porque nós não os recebemos como pão comum, como alimento comum, mas sabemos serem eles a Carne e o Sangue de Jesus encarnado.

A Igreja pela qual Justino morreu de preferência a abandoná-la continua hoje a considerar a

Eucaristia não como pão e vinho comuns, mas sim como o verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo, o Salvador. E' este um fato misterioso, mas um fato que tem a escudá-lo a plena autoridade de Cristo.

«Eu sou o Pão de Vida»

Quase todos concordarão em que Jesus Cristo não foi um embusteiro. A sua missão confessa foi trazer a verdade de Deus a todos os homens. Nós nunca poderíamos conceber que Ele deliberadamente permitisse que os seus ouvintes fôsem enganados no tocante ao significado das suas palavras. Mesmo sobre uma afirmação relativamente sem importância, tal como a sua comparação dos ensinamentos dos Fariseus com um fermento pernicioso, Ele teve o cuidado de que os Apóstolos não interpretassem as suas palavras literalmente em vez de na forma figurada em que Ele as pretendia. Apressou-se a retificá-las, e "então eles compreenderam que Ele os alertava não contra o fermento do pão, mas sim contra os ensinamentos dos Fariseus e Saduceus" (Mt 16, 12).

Assim sendo, que devemos pensar das palavras que Jesus pronunciou na sinagoga em Cafarnaum depois de haver milagrosamente multiplicado os pães e peixes para alimentar a multidão? Na presença dos seus discípulos ele disse: "Eu sou o pão de vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que, se alguém dêle comer,

não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer dêste pão, viverá eternamente; e o pão que eu vos darei é a minha carne pela vida do mundo" (Jo 6, 48-52).

Será uma ficção?

Tal como no passado, há hoje muitos que dirão: "Bela imagem — linguagem figurada — e certamente não para ser tomada ao pé da letra". Mesmo em presença de Cristo alguns também duvidaram, pois perguntaram: "Como pode este homem dar-nos sua carne a comer?" (Jo 6, 53).

Cristo explicou o seu uso figurado da palavra "fermento". Se só figuradamente ele tivesse falado quando disse que "o pão que eu darei é a minha carne", também não teria tornado isso claro? Mas ele não disse: "Compreendeis-me mal. Naturalmente, quero dizer que vos darei uma representação da minha carne. Dar-vos-ei pão como um símbolo da minha carne".

Ao invés, ele começou por um solene "Amém, amém", fórmula que usava quando desejava acentuar alguma coisa da maior importância, e repetiu-se literalmente muitas vezes: "Amém, amém, digo-vos, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois minha carne é realmente comida, e meu sangue é realmente bebida. Quem come a minha car-

ne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nêle. Assim como o Pai vivo me enviou, e assim como eu vivo pelo Pai, assim também aquêle que me come viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não como vossos pais, que comeram o maná e morreram. Quem comer êste pão viverá eternamente" (Jo 6, 54-59).

E "desde êsse tempo muitos dos seus discípulos voltaram-lhe as costas e não mais andaram com êle" (Jo 6,67).

Assim, Cristo sofreu a perda de muitos discípulos de preferência a negar o sentido literal em que fôra compreendido. Simplesmente êle não poderia ter permitido que êles laborassem nesse trágico engano em matéria tão vitalmente importante.

O que Cristo nessa ocasião prometeu, cumpriu-o na noite da Última Ceia. Porquanto, na noite em que foi traído, "Jesus tomou pão, e benzeu-o, e partiu-o, e deu-o aos seus discípulos, dizendo: "Tomai e comei: *isto é meu corpo*". E, tomando uma taça, deu graças e deu-a a êles, dizendo: "Todos vós bebei disto; pois *isto é meu sangue* da nova aliança, o qual será derramado por muitos para a remissão dos pecados" (Mt 26, 26-28).

Em vista da promessa enfática de Cristo e do seu positivo cumprimento, é difícil compreender como pudesse alguém interpretar mal as suas claras palavras. Na língua que êle falava havia pelo menos quarenta expressões querendo dizer "significar" ou "representar". Êle não usou ne-

nhuma delas. Disse simplesmente: "Isto é meu corpo... isto é meu sangue". A todos foi aparente que êle estava cumprindo a promessa que antes fizera — de dar a sua carne e o seu sangue para a vida do mundo, justamente a coisa que muitos dos seus discípulos tinham achado um duro dizer, e em razão da qual o haviam desertado. O pão e o vinho em si mesmos não sugeriam carne e sangue aos Judeus ou a qualquer outro. Claro é que êste significado foi estabelecido pelo próprio Cristo. No seu contexto, a afirmação de Cristo só comporta interpretação literal.

Até mesmo o primeiro dos grandes Reformadores, Lutero, reconheceu isto. Confessou ser tentado de negar a Presença Real de Cristo sob as aparências de pão e de vinho, "a fim de dar uma grande bofetada na face de Papa". "Mas", acrescentava êle "estou prêso. Não posso fugir, o texto é forte demais".

O Santíssimo Sacramento

Na véspera da sua crucifixão, o Salvador desejou deixar aos seus discípulos alguma lembrança de si mesmo, depois da sua ascensão ao céu. Como Deus onipotente, êle podia deixar o dom perfeito — pôde deixar-se a si mesmo. Este era o intuito que havia por trás da sua promessa de dar a sua carne e o seu sangue, e essa era a real dação do dom na sua última noite passada com êles antes de morrer. Era seu intuito dar-lhes poderes para continuarem a mudança do pão

e do vinho na sua carne e no seu sangue: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19).

Este é o grande Sacramento — a Eucaristia, — que acha hoje um lugar de honra único na Igreja Católica, como o achou nos próprios dias dos Apóstolos.

Este é o Sacramento a que os católicos chamam "o Santíssimo Sacramento"... não só porque êle santifica as nossas vidas, como também porque Cristo está presente nêle. Em quase tôda igreja católica há uma lâmpada vermelha ardendo perto do altar em sinal de ali estar o Santíssimo Sacramento, sob a forma de pão, sendo ali guardado para a adoração do povo.

A força que êle dá

Os católicos ainda chamam a êste Sacramento o "pão de vida". A vida que Cristo restaurou para nós é alimentada como o é qualquer outra vida. Quando recebemos dignamente o Pão de Vida, a vida de Cristo, que nós vivemos por meio da sua graça, é intensificada em nós. Assume maior vigor, fortalece-nos contra a tentação e habilita-nos a praticar boas obras, de modo que, como S. Paulo, podemos dizer: "O que falta aos sofrimentos de Cristo, eu o completo em minha carne pelo seu corpo, que é a Igreja" (Col 1, 24).

Os católicos falam do modo como o pão e o vinho se tornam carne e sangue de Cristo usando a palavra, um tanto longa, "transsubstanciação". Esta palavra veio a uso comum no século

treze, para exprimir uma verdade que sempre fôra crida. A palavra é invulgar, mas simplesmente significa que a "substância" do pão e do vinho é transformada na "substância" do corpo e do sangue de Cristo.

A substância de uma coisa é aquilo que faz essa coisa realmente aquilo que ela é, seja lá como fôr que ela apareça. Após as palavras da consagração, a substância do pão e do vinho é transformada. Ali, sob as aparências do pão e do vinho, que permanecem inalteradas, há agora a substância do corpo e do sangue de Cristo. Se essas aparências ou espécies fôsem submetidas a uma análise química, somente as qualidades de pão e de vinho seriam achadas. Mas a substância, que não pode ser abordada pela química ou por qualquer outra ciência física, é transformada por uma maneira só de Deus conhecida.

Quando o povo católico recebe a Sagrada Comunhão, recebe o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo. O corpo de Cristo é vivo — é um corpo de carne e de sangue ao qual está unida para sempre a sua alma e a sua divindade. Assim, Cristo todo e inteiro é recebido sob a forma de pão ou sob a forma de vinho. Não há questão de um "Sacramento mutilado" quando os fiéis recebem a Comunhão sob a forma de pão somente. Todo o corpo e sangue de Cristo está ali contido.

O que Cristo fêz na última Ceia é repetido continuamente em

obediência às suas palavras: "Fazei isto em memória de mim". Porquanto o sacerdote, que usou as palavras usadas por Cristo ao converter o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, completa a Ceia do Senhor recebendo Cristo sob ambas as formas, de pão e de vinho.

A recepção da Comunhão pelos leigos somente sob a forma de pão não é matéria de doutrina, mas sim de disciplina e de prática. Em várias épocas na história da Igreja, essa prática variou. Mesmo nos tempos apostólicos, a recepção da Comunhão é mencionada só sob a forma de pão (At 2, 42). E Cristo, referindo-se à Eucaristia, disse: "Quem come este pão viverá eternamente" (Jo 6, 59).

No século quinto, o Papa Gelásio, por causa de condições especiais então existentes, ordenou que todo o povo recebesse a Co-

munhão sob ambas as formas. O costume atual data do século quinze, e existe principalmente por causa do perigo de sacrilégio com entornamento do vinho consagrado... por causa da repugnância de muitos a beber numa taça comum... e pela escassez de vinho em muitos lugares, especialmente onde milhares de pessoas recebem a Comunhão todos os domingos.

O Sacramento da Eucaristia foi-nos dado por Cristo para que o conservássemos sempre na memória. Foi dado para alimentar aquele princípio cristão de vida que ele veio restaurar para nós. Os católicos são concitados a receber freqüente e dignamente este Sacramento. E crêem na palavra de Cristo de que, por meio da Comunhão (união com Cristo), neste Sacramento Ele é verdadeiramente o "Emmanuel" (7, 14) — Deus conosco (Mt 1, 23

Por que os Católicos lhe chamam Padre ou Pai

Muita gente se pergunta por que os católicos chamam aos seus sacerdotes "Padre", que quer dizer "Pai". Alguns acham isso errado, porque a Bíblia diz: "... a ninguém na terra chameis vosso pai...".

Certamente, não há na Igreja Católica nenhuma lei que obri-

gue os católicos a chamarem "Pai" aos seus sacerdotes. De fato, este costume, que é comum também nos países de fala inglesa, não é tão largamente prevalente em outras terras com diferentes línguas e costumes.

Mas, quando se compreende o ofício de um sacerdote e as suas

obrigações para com o seu povo, o título é especialmente apropriado. E o seu uso não é contrário à Escritura quando esta é convenientemente entendida.

Uma leitura cuidadosa de toda a passagem do Evangelho de S. Mateus na qual Cristo disse: "... a ninguém na terra chamais vosso pai..." (23, 9), revela que Ele não estava condenando o uso do próprio título "Padre". O que Cristo estava condenando era o abuso desse título nas indignas ambições dos Escribas e Fariseus, e estava verberando a arrogante assunção, por eles, do título de "Mestre" e de "Pai", sem a devida subordinação a Deus.

O Apóstolo Paulo, que estava familiarizado com o pensamento de Cristo, dirigiu-se a Tito como a seu "filho", e referia-se aos seus convertidos como a seus "filhos" (1 Cor 4, 15). Quando falou do "... Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda paternidade no céu e na terra recebeu o seu nome..." (Ef 3, 15), Paulo claramente indicou o sentido em que os homens podem dar-se o título de "Pai" sem usurparem a paternidade de Deus, que é suprema.

Significado de «Pai»

Há, portanto, um sentido em que imploramos a Deus como a nosso "Pai". E há um sentido em que com razão damos este título a um "pai" humano que nos pôs neste mundo. Há também um sentido em que os católicos dão este título ao sacerdote que, co-

mo ministro de Cristo, lhes comunica a vida e o caráter cristãos por meio do Batismo, e cujo dever e atribuição é servir às necessidades religiosas deles desde o berço até o túmulo.

Seja o sacerdote um jovem recém-ordenado ou seja um homem já encanecido no serviço de Cristo, os católicos chamam-lhe "Padre", ou "Pai", com uma correta compreensão daquilo que o título significa quando dado a um sacerdote.

Com sobeja frequência se esquece que não haveria sacerdotes na Igreja Católica se Cristo não fôsse sacerdote. No correr da Epístola aos Hebreus achamos uma descrição do sacerdócio de Cristo. Cristo é explicitamente chamado "sacerdote" (Heb 5, 6; 7, 21)... sumo-sacerdote, superior, de muito, em santidade, aos da Lei Antiga (Heb 7, 26)... no caráter sempiterno do seu sacerdócio (7, 23-24)... na sua dignidade e por ser chamado pontífice (5, 10-14).

Cristo é Sacerdote

Cristo é sacerdote por ser o Mediador entre Deus e o homem, de um lado oferecendo os sacrifícios dos homens a Deus, e do outro, dispensando os dons de Deus aos homens. Porquanto um sacerdote, consoante S. Paulo, é "tomado de entre os homens — constituído para os homens nas coisas pertinentes a Deus, a fim de poder oferecer dons e sacrifícios pelos pecados" (Heb 5, 1-10).

Jesus Cristo é o Sacerdote único, erigindo-se para sempre como Mediador entre Deus e os homens... e foi o seu eterno sacrifício que reconciliou os homens com Deus. Como sacerdote, Ele não podia ter sucessores. Todos os outros que Ele faz participar da sua obra sacerdotal só podem ser chamados "sacerdotes" como seus ministros... como instrumentos que Ele usa na obra sacerdotal.

Que Cristo, o Sacerdote, escolheu de modo especial certos dos seus discípulos para serem os ministros do seu sacerdócio, isto é aparente através do Nôvo Testamento. Aos seus Apóstolos Ele disse: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos *designei* para que fôsseis e dêsseis fruto, e o vosso fruto ficará" (Jo 15, 15).

Apóstolos Delegados

Ele mandou que aquêles que quisessem entrar no seu reino fôsem batizados, mas a administração do Batismo Ele a confiou aos seus Apóstolos e aos sucessores dêstes (Mt 28, 19).

Para os que pecassem depois do Batismo Ele prometeu a remissão do pecado por meio do poder de perdoar ou de reter os pecados confiados aos seus Apóstolos (Jo 20, 22).

Como sacerdote e Mediador, redimiu a humanidade pela sua morte na cruz, mas o poder e o dever de representar a sua morte Ele os confiou aos seus Apóstolos quando os encarregou de fa-

zer como Ele havia feito na Última Ceia (Lc 22, 19).

Fêz da pregação da sua doutrina o dever dêles: "Indo, pois, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19). Nestas palavras Ele identificou a sua missão com a dos sacerdotes que deviam seguir-se-lhe: "Assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio" (Jo 20, 22); "Quem vos ouve, a mim me ouve; e quem vos rejeita, a mim me rejeita..." (Lc 10, 16).

Dispensadores dos mistérios

Os Apóstolos estavam sumamente cônscios dos poderes especiais que Cristo lhes dera e do dom especial que era o seu. "Assim nos considere o homem", disse S. Paulo, "como servos de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4, 1). Assim de creveu êle a participação do sacerdócio de Cristo pelo ministério de Cristo que dispensa os mistérios do Sumo Sacerdote. Falando por todos aquêles a quem Cristo havia dado êsse ofício, êle disse: "Por Cristo, pois, agimos como embaixadores; como exortando-vos Deus *por meio de nós*... tôdas as coisas são de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação" (2 Cor 5, 18-20).

Entre os mistérios de que os ministros de Cristo são os dispensadores designados, estão os Sacramentos... em nome d'Ele êles os dispensam entre os homens. O poder e dever de perdoar pecados... de fazer o que Ele

fêz na Última Ceia... de pregar o Evangelho em seu nome, e de batizar tôdas as nações.

Estes podêres passaram dos Apóstolos, como sacerdotes, aos seus sucessores. Cristo estabeleceu a sua Igreja, que devia durar até o fim do mundo. Deu êsses podêres aos seus delegados na Igreja, para os levarem ao mundo. E a Igreja de Cristo não morreu com os Apóstolos... nem a obra dela estava completada em alguns anos. A missão de Cristo ainda continua, e, assim, continua êsses podêres que Ele deu aos seus sacerdotes.

A Bíblia explica

Não precisamos olhar a mais o que ao próprio Nôvo Testamento para vermos como o sacerdócio de Cristo foi transmitido pelos Apóstolos para ser compartilhado por outros homens. Nada menos de quatro gerações sucessivas de sacerdotes ali serão achadas. A primeira geração — os Apóstolos — aparece nos Atos, 13, 3, impondo as mãos sôbre Paulo e Barnabé, separando-os para compartilharem a missão de Cristo: aí a segunda geração de sacerdotes. A terceira geração será vista em 2 Tim 1, 6, onde S. Paulo adverte o seu sucessor, Timóteo, de que “ressuscites a graça de Deus que está em ti pela imposição de minhas mãos”. E Paulo já escrevera: “Não descures a graça que te foi dada por profecia, com imposição das mãos do presbitério” (1 Tim 4, 14). A quarta geração de sacerdotes, S. Paulo referiu-se no-

vamente, escrevendo a Tito, quando disse: “Por esta razão, deixei-te em Creta, para que... designes sacerdotes em cada cidade, como eu também te designei” (Tito 1, 5).

Traçado dos Papas

O resto é História. No caso do sucessor de S. Pedro como Bispo de Roma, podemos traçar claramente a sucessão do seu ofício, de Pedro no século primeiro a João XXIII no século vinte. Por causa da sua importância, os nomes dos sucessores de Pedro são-nos conhecidos. Mas, em todo caso, qualquer sacerdote católico pode hoje dizer-vos de quem recebeu o seu poder sacerdotal. E, se recuardes, degrau por degrau, finalmente chegareis a um dos Apóstolos que começaram essa cadeia ininterrupta, tal como os sacerdotes nomeados por Tito poderiam traçar o seu ofício para trás até S. Paulo e, através dêle, até um dos Doze originais.

A imposição das mãos é mencionada no Nôvo Testamento como sendo a cerimônia externa pela qual era conferido o ofício do sacerdócio. E, quando hoje um sacerdote é ordenado, o bispo impõe as mãos sôbre a cabeça dêle para lhe conferir êsse poder.

Também coloca nas mãos do sacerdote os vasos usados no Sacrifício da Missa, indicando que êle deverá ser um dispensador dos mistérios de Cristo. A não ser que tenha recebido êsse ofício do legítimo sucessor dos Apóstolos, ninguém pode verdadeiramente chamar-se ministro de Cristo.

"Nenhum homem se arroga a honra, mas só aquêlê que é chamado por Deus, como o foi Aarão" (Heb 5, 4).

O Sacerdócio de Cristo

Durante o tempo de vida dos Apóstolos havia diáconos na Igreja, dos quais Estêvão, o proto-mártir, foi um dos sete originais. Dêles era o officio de assistir os Apóstolos e de substituí-los em deveres mais importantes. Também achamos menção de bispos (Tito 1, 7), como diferindo dos sacerdotes. Era a Tito, um bispo, que S. Paulo encaminhava para ordenar. Êsses bispos eram os inspetores de um grande território, tendo sob si sacerdotes, diáconos e leigos. Esta tríplice divisão existia nos próprios primeiros séculos da Igreja e existe ainda hoje.

Os sacerdotes da Igreja Católica geralmente não se casam. Mas, entre os primeiros sacerdotes, os Apóstolos, S. Pedro era casado, e ainda hoje há sacerdotes católicos casados. Enquanto é verdade que os sacerdotes não devem casar-se, homens casados podem fazer-se e se fazem sacerdotes.

Em alguns países da Europa Oriental e da Ásia, alguns sacerdotes eram casados antes de se fazerem sacerdotes. Todavia, êles não poderiam casar-se outra vez no caso de sua mulher morrer antes dêles.

O homem casado que se faz sacerdote católico é a exceção, não é a regra. A regra é que os sacerdotes não sejam casados e assim

permaneçam. Isto é estritamente uma regra da Igreja, e não um mandamento de Cristo nem uma lei de Deus.

Sacerdotes casados

Mas a lei da Igreja a êste respeito está em estrito acôrdo com os ensinamentos de Cristo e dos seus Apóstolos. Nos primitivos anos da Igreja, os Apóstolos e os seus sucessores ordenavam homens tanto casados como não-casados, porém mesmo então o estado celibatário era sustentado como sendo o ideal preferível.

No mundo oriental, um sacerdócio celibatário tornara-se a regra geral por volta do século quarto. Em alguns países orientais, o estado celibatário tornou-se a regra para os bispos século sexto. E, enquanto o costume de ordenar como sacerdote homens casados tem continuado até o tempo presente, a maioria dos que planejam ingressar no sacerdócio não se aproveitam do direito de se casar antes de serem ordenados.

Não há nada injusto na lei da Igreja que exige que o sacerdote permaneça celibatário. Nenhum homem é forçado a se fazer sacerdote. Tem tempo amplo para pesar as conseqüências, para tomar partido antes de ser ordenado. Ele ouve esta solene advertência:

Não é vida fácil

"Deveis considerar ansiosamente, repetidas vêzes, que espécie de fardo é êste que estais assumindo sôbre vós por vossa pró-

pria vontade. Até aqui sois livres... mas, se receberdes esta Ordem, já não será legítimo recuardes do vosso propósito. Se-reis reclamado a continuar no serviço de Deus e a, com a sua assistência, observar castidade e estar obrigado para sempre às ministrações do altar”.

Em parte alguma a beleza e a santidade do Sacramento do matrimônio são mais altamente reverenciadas do que na Igreja Católica. Mas a Igreja crê num sacerdócio celibatário porque o sa-

cerdote católico é obrigado a imitar Cristo e a dedicar-se exclusivamente aos deveres do seu ministério e ao serviço de Deus. S. Paulo deu apoio a esta crença quando disse:

“Aquêlê que não é casado está ocupado das coisas do Senhor, de como possa agradar a Deus. Ao passo que o que é casado está ocupado das coisas do mundo, de como possa agradar a sua mulher; e está dividido” (1 Cor 7, 32-33).

O QUE OS SACRAMENTOS SIGNIFICAVAM PARA OS CRISTÃOS PRIMITIVOS

Suponde que éreis um cristão vivente não êste ano, porém no ano de 358... ou 258... ou 158. Tendes alguma idéia do que os Sacramentos de Cristo significariam para vós?

Como um cristão típico da Igreja primitiva, consideremos Virgílio, um escolar. Nêlê podemos ver o que os Sacramentos significavam para os primeiros cristãos.

Virgílio recebera o Batismo, o Sacramento que lhe deu uma nova vida. “Antes de receber o nome de filho de Deus”, ter-lhe-ia



dito Hermas (ano 70 A. D.), “o homem é destinado à morte; mas, quando recebe êsse cunho, é libertado da morte e entregue à vida. Ora, êsse cunho é a água, à qual os homens descem condenados à morte, mas da qual sobem destinados à vida” (*Simil.*, IX, c. 16). Ele leria em Orígenes (185): “Os que nascem outra vez por meio do Batismo divino são co-

locados no Paraíso, isto é, a Igreja, para fazerem obras espirituais, que são interiores” (*Selecta in Gênes.*, p. 28). “E a pessoa batizada recebeu o Sacra-

mento do nascimento", como dizia Agostinho (354); "ela tem um Sacramento, e um grande Sacramento, divino, santo, inefável" (*Tr. v. in Evang. Joan.*, n. 6).

Virgílio batizado

Virgílio foi batizado em criança. Ficou livre do pecado original, como explicou Agostinho: "Da criança recém-nascida ao velho decrepito, ninguém deve ser proibido do Batismo, como também não há ninguém que no Batismo não morra para o pecado. Os infantes morrem somente para o pecado original, porém as pessoas mais velhas morrem também para os outros pecados que, por mal fazerem, tenham aditado ao que receberam desde o nascimento" (*Enchiridion de Fide*, n. 13).

Logo depois do seu Batismo, de acordo com o costume, Virgílio recebeu o Sacramento da Confirmação mediante a imposição das mãos do Bispo sobre ele e da unção da sua fronte com óleo santo. "Depois disto", disse Tertuliano (160), "saíndo da água, somos ungidos profundamente com o óleo santo; depois disto, a mão é posta sobre nós, como bênção que invoca e convida o Espírito Santo" (*De Baptismo*, pp. 226-7).

Em palavras similares, Cirilo de Jerusalém (315) disse: "E a vós também, depois de saídes do poço das sagradas correntes, foi dada a unção, emblema daquela com que Cristo foi ungido; e esta é o Espírito Santo... mas vêde não suponhais ser esta uma mera unção, porquanto, assim como

o pão da Eucaristia, após a invocação do Espírito Santo, já não é simples pão, e sim o corpo de Cristo, assim também, após a invocação, esta santa unção já não é simples unção, nem, por assim dizer, comum, mas sim o dom de Cristo; e pela presença da sua Divindade ela infunde em nós o Espírito Santo" (*Cateches. Myst.*, III, n. 1, 3, 6).

Virgílio tinha sido bastante afortunado para viver perto da residência do Bispo, e assim pôde confirmar-se em primeira idade. Muitos outros tiveram de esperar longo tempo após o Batismo até que os Bispos pudessem chegar até eles para a Confirmação. Jerônimo (340) explica tudo isto: "É costume das igrejas os Bispos viajarem até aqueles que foram batizados pelos sacerdotes e diáconos à distância das maiores cidades, e importar as mãos sobre eles para invocar o Espírito Santo" (*Adv. Lucifer.*, t. II).

Virgílio assistira muitas vezes ao Sacrifício da Missa, e recebera o corpo e o sangue de Cristo na Comunhão. Os seus sentimentos eram os do mártir Inácio (107). "Anseio pelo pão de Deus, pão celestial, pão de vida, que é a carne de Cristo Jesus, o Filho de Deus, que era semente de David e de Abraão, e anseio pela bebida de Deus, o seu sangue, que é amor sem fim e vida por todo o sempre" (*Ad Romanos*, n. 7). E, como Cirilo explicou: "Assim como o pão e o vinho da Eucaristia, antes da santa invocação da adorável Trindade, eram

simples pão e vinho, depois da invocação o pão se torna o corpo de Cristo e o vinho se torna o sangue de Cristo" (*Cateches. Myst.*, I, n. 7).

Sagrada Comunhão

Era costume de Virgílio receber a Sagrada Comunhão quase todos os dias. Assim também fariam muitos outros que êle conhecia, embora não houvesse obrigação de fazê-lo. Basílio (328) assim o instruíra: "E' bom e proveitoso comungar até mesmo diariamente, e participar do sagrado corpo e sangue de Cristo, pois Cristo claramente diz: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna" (*Ep. XCIII ad Caesariam*).

Era também costume, para todo o povo, receber a Sagrada Comunhão sob ambas as formas, de pão e de vinho. Virgílio sabia, entretanto, que todo o corpo e todo o sangue de Cristo estava presente sob uma ou outra das formas, e sabia que em muitos casos a Comunhão era recebida somente sob a forma de pão. Disse-lhe Basílio: "Todos os que vivem vida solitária nos desertos, onde não há sacerdote, guardam a Comunhão nas suas habitações e dão-na a si mesmos" (*Ep. XCIII ad Caesariam*). Tendo sido uma vez consagrados pelo sacerdote, o corpo e sangue de Cristo sob a forma de pão podia ser guardado por êles e recebido conforme a oportunidade.

Por causa disto, Virgílio notou como todos reverenciavam o pão que se tornara o corpo e san-

gue de Cristo, e como todos os sinais de respeito lhe eram deferidos. Orígenes insistira sobre isto: "Vós que fostes acostumados a assistir aos mistérios divinos sabeis que, quando recebeis o corpo do Senhor, com toda precaução e veneração tomais cuidado de que qualquer porção dêle, por mais pequena que seja, não caia, e de que não se perca nenhuma parte do dom consagrado. E, se alguma parte dêle caísse, por negligência vossa, considerar-vos-íeis culpados; e pensais certo" (*Hom. XIII in Exod.* n. 3).

Confissão

Regularmente pela manhã, antes de receber a Eucaristia, Virgílio ia ao sacerdote para a confissão. Os cristãos seus companheiros também obtinham dessa maneira perdão dos seus pecados. Tertuliano falara por estas palavras: "Quando, pois, sabeis que contra o fogo do inferno há, depois da primeira proteção do Batismo, outro auxílio ordenado pelo Senhor, a saber, a confissão, por que abandonardes essa salvação? Por que demorardes a iniciar aquilo que sabeis que vos curará? Até mesmo as criaturas mudas e irracionais conhecem os remédios que lhes são dados por Deus... e então o pecador, sabendo que a confissão foi instituída pelo Senhor para a sua restauração, há de passar por cima daquilo que restaurou o rei de Babilônia no seu reino?" (*De Poenitentia*, n. 8-12).

E Efrém de Edessa (361) escrevera: "A exaltada dignidade

do sacerdócio está muito acima da nossa compreensão e do poder de expressão. A remissão dos pecados não é dada aos mortais sem o venerável sacerdócio" (*De Sacerd.*, t. III).

Quando Cláudia, avó de Virgílio, estava para morrer, êle observou o sacerdote entrar e dar-lhe o Sacramento da Extrema-Unção. Todo cristão desejava a última unção na hora da morte. Orígenes dera a êle a razão disso! "Há também um sétimo modo de perdão... no qual também é cumprido aquilo que o Apóstolo Tiago disse: "Mas se alguém adoecer entre vós, mande chamar os sacerdotes da Igreja, e imponham êstes as mãos sobre êle, ungindo-o com óleo em nome do Senhor" (*Hom. II in Levit.*, n. 4). E Efrém da Síria (378) explicara: "Se vos suceder, quando doentes, não adiantarem os remédios dos médicos, os sacerdotes piedosamente vos trazem auxílio. Oram pela vossa salvação e segurança, e um sopra-vos realmente dentro da bôca, enquanto outro vos persigna" (*Syr. Serm. XLVI adv. Haeres.*).

Sagradas Ordens

Refletindo sobre tôdas essas coisas, Virgílio pensou na grande dignidade e poder que foi dada ao sacerdócio. Considerou o Sacramento das Sagradas Ordens, por meio do qual Cristo instituiu Bispos, sacerdotes e diáconos, para as várias funções da sua Igreja. Antigos escritores cristãos haviam-lhe dito estas coisas, inclusive Clemente de Roma (91

A. D.), que disse: "Há funções próprias confiadas ao sacerdote principal, e um lugar próprio designado aos sacerdotes; e há ministrações próprias consignadas aos Levitas; e o leigo cuida das nomeações dos leigos..." (*Ep. I ad Corinth.*, n. 40-44). E Inácio: "Exorto-vos a que vos esforceis por fazer tôdas as coisas numa divina unanimidade, presidindo o Bispo no lugar de Deus e os sacerdotes no lugar do concílio dos apóstolos, e os diáconos, a mim, muito caros, incumbidos do serviço de Jesus Cristo" (*Ep. ad Magnes.*, n. 6).

Os pais de Virgílio, Cláudio Drusila, tinham sido casados pelo mesmo sacerdote que ungiu sua avó. Haviam ensinado a Virgílio que o Sacramento do Matrimônio era para o cristão coisa vastamente diferente do que era para os pagãos. Inácio escrevera: "E' conveniente para os que se casam — tanto homens como mulheres — realizarem a sua união com o consentimento do Bispo, para que o seu casamento seja de acôrdo com Deus, e não de acôrdo com a luxúria. Sejam tôdas as coisas feitas para honra de Deus" (*Ad Polycarp.*, n. 5).

E Tertuliano dissera: "Como podemos achar palavras para descrever a felicidade daquele matrimônio que a Igreja une; que o oferecimento confirma; que a bênção sela; que os anjos relatam; que o Pai ratifica!" (*Ad Uxor.*, n. 9). E Agostinho resumira tudo isso melhor do que todos, escrevendo: "Em tôdas as

omens,
o está
na fi-
as, no
, está
Sacra-
de da
pessoa
outra
' (De

Virgílio, cristão típico dos seus tempos, só se sentiria à vontade, hoje, numa única Igreja. Se êle tivesse de visitar o mundo de hoje — em que Igreja acharia os sete Sacramentos que tanto fizeram parte da sua vida? Onde, realmente, os acharia, senão na Igreja Católica... a imutável Igreja de Cristo?

AZ DE DEUS LHE NOS OLHOS



roso de todos os seus pecados, desejar oferecer reparação por êles, e ter a intenção de, no futuro, evitar o pecado e, tanto quanto possível, tudo quanto o induzir a pecar.

Em breve êle sai do confessional. Uma nova luz de paz e de contentamento brilha-lhe nos olhos.

O seu coração onerado está agora leve e alegre. Mais uma vez êle está em paz com Deus, consigo mesmo, com o mundo.

Deus perdoará

Todo católico sabe que a única coisa que pode causar a perda da sua alma é uma ofensa grave a Deus não perdoada. Também sabe que Deus lhe perdoará qualquer pecado se êle estiver verda-

deiramente pesaroso dêle, resolvido a evitá-lo no futuro, e se o confessar a um dos sacerdotes de Cristo, receber dêle o perdão e cumprir a penitência prescrita como satisfação pessoal sua a Deus.

Por mais de 1.900 anos os católicos no mundo inteiro têm ido à Confissão... Sacerdotes católicos têm estado ouvindo confissões e perdoadando os pecados do verdadeiro penitente, em obediência ao explícito mandamento de Cristo, que disse: "Assim como o Pai me enviou, assim, também eu vos envio". Dizendo isto, soprou sobre eles (os Apóstolos), e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo; aqueles cujos pecados perdoardes ser-lhes-ão perdoados; e aqueles cujos pecados retiverdes ser-lhes-ão retidos". Estas palavras são uma iniludível delegação, feita por Cristo aos seus Apóstolos, para perdoarem ou reterem pecados. Uma pessoa que pretendesse comunicar tal poder a outro pensaria longa e maduramente para achar palavras as mais simples, as mais claras ou as mais expressivas para indicar o seu propósito.

O pecado mais grave

"Cujos pecados perdoardes". Nenhum cristão que pecou deve ser excluído do perdão que Nosso Senhor possibilitou. Não há limitação no número ou na espécie dos pecados que podem ser perdoados. Por mais grave que seja um pecado, ainda pode ser perdoado; e quantas vezes o perdão tenha sido recebido... quão

numerosas forem as ofensas... as palavras de Cristo tornam aparente que elas ainda podem ser perdoadas. Não há razão para duvidar disto se recordarmos a pergunta de S. Pedro sobre quantas ofensas deveriam ser perdoadas (Mt 18, 21), e se nos lembrarmos da resposta de Cristo: "Não te digo sete vezes, porém setenta vezes sete"; por outras palavras, indefinidamente.

Sempre que uma pessoa ofende a Deus gravemente, incorre em culpa pelo mal praticado. Talvez ela se tenha tornado um ladrão, um mentiroso ou um adúltero, que não tinha sido antes. Torna-se então responsável pelo castigo devido ao seu malfeito. O poder que Cristo conferiu aos Apóstolos foi perdoar a culpa do pecador. Quando o perdão assim recebido, essa pessoa não é mais um ladrão, um mentiroso ou um adúltero. Não é mais pecador. A sua culpa foi removida, e a graça e amizade de Deus tomou o lugar dela. Semelhantemente, ela não é mais responsável pelo castigo eterno devido à culpa que fôra sua.

"Cujos pecados vós perdoardes". Nestas palavras aos seus Apóstolos Cristo lhes estava dando a sua própria missão — a missão daquele cujo nome era Jesus porque "salvaria o seu povo dos seus pecados". Na cruz, êle redimira o gênero humano, e agora enviava os seus Apóstolos pelo mundo afora com o ofício de levar aos pecadores os benefícios da Redenção.

Apóstolos autorizados

"Cujos pecados *perdoardes*". Pela palavra "perdoar" Cristo só podia querer dizer uma única coisa — que estava comunicando aos seus Apóstolos um verdadeiro poder literal de perdoar. Estava prometendo que seu Pai e Ele próprio ratificariam os atos de perdão dêles.

"E cujos pecados *retiverdes*, ser-lhes-ão retidos". E' importante notar que os Apóstolos receberam de Cristo o poder de perdoar ou de não perdoar. Assim, Ele os fez juizes no tocante a quem era digno e a quem era indigno de perdão. Não deviam êles dispensar o perdão indiscriminadamente. E, se deviam perdoar ou negar perdão, conforme julgassem o pecador digno ou indigno dêste, deviam conhecer o que estavam perdando. Deveriam estar seguros das disposições secretas do pecador, e do seu pesar, e da sua vontade de se emendar. Como poderiam êles conhecer isto senão pela confissão do próprio pecador? E que é isto senão a Confissão? Por ser o pecado um ato intimamente interno, a culpa e responsabilidade do pecador são segredos da sua consciência. As verdadeiras disposições do seu coração só são conhecidas dêle, e êle próprio é que deve torná-las conhecidas externamente antes de ser o julgamento proferido sobre elas. Os Apóstolos e os seus sucessores não foram feitos leitores dos corações e das mentes dos homens. Êles só poderiam exercer o seu officio

quando o pecador confessasse o seu pecado.

Sacramento da Penitência

Quando falou aos seus Apóstolos, Cristo estabeleceu o Sacramento da Penitência, mediante o qual livraria os homens dos pecados cometidos depois do Batismo. Êle, que se fizera homem primariamente para obter perdão para os pecados dos homens, não somente ensinou e pregou, mas também perdoou pecados durante toda a sua vida. "Eu vim", disse êle uma vez, "para chamar não os justos, mas os pecadores" (Lc V, 31). Perdoou à mulher colhida em adultério... perdoou a Maria Madalena na casa de Simão; e o paralítico (Mc 2, 1) recebeu o perdão dos seus pecados, e o restabelecimento da sua saúde como sinal de que os seus pecados haviam sido verdadeiramente perdoados.

Tudo isto mostra claramente que o perdão dos pecados era uma parte distinta da missão de Cristo. E êle tornou claro que a sua missão devia ser prosseguida até o fim dos tempos por aquêles a quem Êle disse: "Assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio".

Cristo conhecia a fraqueza da natureza humana... sabia que o homem necessitaria de um meio de ser reconciliado com Deus quando caísse em pecado... que o homem pediria algum sinal externo e uma prova do seu perdão, para ficar seguro, fora de qualquer dúvida, de haver sido plenamente restaurado na amiza-

de de Deus. O homem não quer sòmente pensar ou crer ou esperar ter sido perdoado; e, quando ouve as palavras de perdão pronunciadas por alguém que foi enviado em nome de Cristo, tem a garantia do seu perdão.

A Confissão, uma obrigação

O fato de haver Cristo dado aos seus Apóstolos o poder de remittir os pecados... de haver instituído este meio para os homens obterem o perdão dos seus pecados... é uma clara indicação da obrigação, para os pecadores, de obterem por essa forma o perdão. Portanto, a obrigação da Confissão não é mera matéria da lei da Igreja, e sim uma obrigação divinamente imposta ao pecador que deseje obter perdão. Ela não é sòmente um meio de obter perdão, é um meio necessário.

A confissão e as palavras de perdão proferidas pelo ministro delegado de Cristo são apenas dois dos elementos que entram no Sacramento da Penitência.

O pesar do pecado, brotando de um motivo verdadeiramente cristão, é indispensável se se quiser obter o perdão divino. Esse pesar da parte do pecador não é meramente um sentimento ou emoção, mas sim um ato da vontade, e necessariamente envolve um firme propósito de não mais pecar.

Assim, é óbvio que a Confissão não incentiva o pecado nem facilita o pecar. Absolutamente não haveria perdão se o pecador não estivesse determinado a reformar a sua vida, e este pro-

pósito, em vez de ser um incentivo fácil para o pecado, ajuda muita gente a frustrar a tentação de pecar. O perdão, no Sacramento da Penitência, pode ser facilmente acessível, mas não facilita o pecar.

O fato de dever este Sacramento ser facilmente acessível para toda classe de homens e mulheres mostra como é sem base a crença de algumas pessoas mal informadas, de que os católicos devem pagar ao padre para lhes perdoar os pecados. Não sòmente nenhum pagamento é exigido para o perdão dos pecados, como também qualquer padre que ousasse receber dinheiro para esse fim — e qualquer católico que o desse — seria punido com penalidades as mais severas da Igreja. Seriam réus do pecado de simonia: traficar em coisas sagradas... pecado pelo qual S. Pedro condenou Simão Mago (At 8, 18 ss.).

A Igreja é tão solícita em evitar sequer a suspeita de tal coisa, que os sacerdotes são advertidos de não aceitarem, enquanto estiverem no confessionário, dinheiro para qualquer fim que seja — nem mesmo para o óbolo dominical que o católico pode e deve dar para o sustento da Igreja.

«Acuso-me»

A confissão das várias ofensas contra Deus não é uma mera narrativa de malfeitos, senão uma genuína acusação dos próprios pecadores. Deve ser feita franca e positivamente, sem evasão nem

dolo. Todos os pecados graves, inclusive o seu número e espécie, cometidos desde a última recepção digna do Sacramento devem ser ditos — na medida em que cuidadoso exame de consciência possa trazê-los à mente. O peccador não precisa narrar as negras minúcias dos seus pensamentos, palavras e obras. Sòmente as circunstâncias que indicam a natureza, a espécie e o tipo de um pecado é que precisam ser declaradas. Escusa dizer que êle deve mencionar sòmente os seus próprios pecados, e não os de outros. E não pode ocultar pecado grave sem se tornar, adicionalmente, culpado de abusar de coisa sagrada.

Os pecados são acusados na Confissão com a plena segurança de que não passarão dos ouvidos do sacerdote em que caem. A solene e sagrada obrigação, da parte do sacerdote, de guardar segredo absoluto sôbre aquilo que êle ouve no Sacramento da Penitência, não comporta exceção. Vantagem alguma para qualquer homem, lei nenhuma para qualquer Estado, ordem alguma de qualquer autoridade, mal nenhum a ser evitado, nem mesmo a própria morte, podem jamais justificar um sacerdote de revelar a outrem o que êle ouviu na Confissão. Todo católico pode ir a qualquer sacerdote em busca de perdão, com plena confiança de completo segredo.

O que o Padre diz à Noiva e ao Noivo

"Meus caros amigos: Ides entrar numa união que é muito sagrada e muito séria.

"Muito sagrada, porque estabelecida pelo próprio Deus; muito séria, porque vos ligará mutuamente, para toda a vida, numa relação tão estreita e tão íntima, que influenciará o vosso futuro todo. Esse futuro, com as suas esperanças e os seus desamparamentos, com os seus êxitos e os seus fracassos, com os seus prazeres e as suas dores, as suas alegrias e tristezas, está oculto aos vossos olhos.

"Sabeis que esses elementos estão entremeados em cada vida, e devem ser esperados também na vossa. E, assim, não sabendo o que está adiante de vós, tomais um ao outro para o melhor ou o pior, para mais ricos ou mais pobres, em doença e em saúde, até à morte.

"Verdadeiramente, pois, estas palavras são muito sérias. Belo tributo à vossa indubitável fé um no outro, é que, reconhecendo a plena importância delas, estejais, todavia, tão desejosos de pronunciar-las e tão prontos a pronunciar-las. Por envolverem essas pa-



lavras tão solenes obrigações, mui conveniente é que assenteis a segurança da vossa vida conjugal no grande princípio do sacrifício pessoal. E, assim, começais a vossa vida de casados pela voluntária e completa entrega das vossas vidas individuais no interesse dessa vida mais ampla

e mais profunda que ides ter em comum.

Um só em todas as coisas

"Doravante pertencer-vos-eis um ao outro; sereis um só em mente, um só em coração e um só em afetos. E, sejam quais forem os sacrifícios que doravante sejais concitados a fazer para preservardes essa vida mútua, fazei-os sempre graciosamente. Usualmente, o sacrifício é difícil e enfadonho. Só o amor pode torná-lo fácil; e pode torná-lo alegre o amor perfeito. Tendes boa-vontade para dar na proporção em que amais. E, quando o amor é perfeito, o sacrifício é completo. Deus amou tanto o mundo que deu por ele seu Filho Unigênito; e o Filho nos amou tanto, que se deu a Si mesmo pela nossa salvação. "Nin-

guém tem mais amor do que este, de dar a sua vida pelos seus amigos”.

“Bênção maior não pode advir à vossa vida matrimonial do que o puro amor conjugal, leal e verdadeiro até o fim. Que nunca falte, pois, esse amor com que unis as vossas mãos e os vossos corações; antes cresça sempre mais profundo e mais forte à medida que os anos passarem. E, se o amor verdadeiro e o desinteressado espírito de sacrifício pessoal guiarem cada uma das vossas ações, podeis esperar a maior medida de felicidade terrena que pode ser concedida ao homem neste vale de lágrimas. O resto está nas mãos de Deus. E Deus não vos faltará nas vossas necessidades; garantir-vos-á o amparo das suas graças pela vida toda no Santo Sacramento que ides receber”.

O Matrimônio, um Sacramento

Semelhantes palavras são dirigidas a todo par que se casa na Igreja Católica. Consoante a crença católica, o matrimônio é sagrado e sério, não só por serem os casais parceiros de Deus na transmissão da vida humana, como também por haver Cristo feito da sua troca de votos conjugais — o contrato de casamento — um Sacramento por meio do qual Ele lhes intensifica a vida cristã e lhes dá os auxílios divinos para as responsabilidades peculiares à vida de casados.

A toda criança católica é ensinado que o Matrimônio é um

Sacramento pelo qual um homem batizado e uma mulher batizada se unem pela vida toda num casamento legal, e recebem o auxílio de Cristo para cumprirem o seu dever de serem fiéis um ao outro e de cuidarem de todos os modos dos filhos que Deus lhes der.

Verdade é que o casamento foi sagrado mesmo antes do tempo de Cristo. No próprio começo da Bíblia há a história da criação: como homem e mulher criou-os Deus. A sua diferença de sexo era a base física do casamento, a adaptação corporal de cada sexo à união com o outro. E Deus abençoou-os, dizendo: “Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra... por isto deixará o homem seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher; e serão dois numa só carne”. Assim, a união de marido e mulher no casamento não se originou dos homens, mas foi instituída por Deus.

O contrato de casamento

Foi este mesmo e idêntico contrato de casamento que Cristo escolheu para fazer dêle um meio de dispensar as graças da Redenção. Assim como escolheu o derrame de água e o proferimento de certas palavras como uma cerimônia mediante a qual tiraria a culpa do pecador e restauraria a amizade dêle com Deus, assim também entendeu que o mútuo consentimento pelo qual um homem e uma mulher cristãos se tornam marido e mulher fôsse um meio pelo qual fôssem eles beneficiados pela sua Redenção.

Inseparáveis como são a permuta dos votos conjugais e o Sacramento, por isto duas pessoas batizadas não podem casar-se validamente sem receberem este Sacramento. Não faz diferença se são católicos ou acatólicos, se consideram ou não consideram o casamento um Sacramento. Em qualquer caso, um casamento válido entre eles é um dos Sacramentos de Cristo. Assim, facilmente se pode ver o quanto é injusta a acusação de que a Igreja Católica considera inválido o casamento dos acatólicos. Antes, a Igreja Católica sustenta que todo casamento de duas pessoas batizadas, livres de impedimentos que tornem o casamento impossível, é justamente um Sacramento tão verdadeiro como o casamento de dois católicos na presença de um sacerdote.

Nem quer isto dizer que o casamento de pessoas não-batizadas seja alguma coisa de degradante ou de não-santo. O vínculo matrimonial foi sagrado mesmo antes de Cristo fazê-lo um Sacramento, e os próprios não-batizados que se dão conta do estado sagrado em que ingressam, e que resolvem viver de conformidade com as obrigações dêle tais como as concebem, fruem de um casamento verdadeiro e válido, e podem esperar pelas bênçãos de Deus sobre a sua união.

Um contrato

Como o Sacramento do matrimônio assume a forma de um contrato, aqueles que fazem o contrato, isto é, a noiva e o noivo,

são os ministros do Sacramento. O homem e a mulher é que se dão um ao outro, fazendo uma mútua convenção para viverem juntos até à morte. O homem e a mulher, portanto, é que exercem o sacerdócio de Cristo, sacerdócio que compartilham por meio do Batismo, ao conferirem um ao outro o Sacramento que os habilita a cumprirem os mais altos deveres envolvidos na vida conjugal cristã.

Muitos parece pensarem que o sacerdote é o ministro do matrimônio. Na realidade, o sacerdote é apenas a testemunha oficial requerida pela lei da Igreja para a validade do casamento quando ambas as partes, ou ao menos uma, são católicas. E' por isto que a Igreja Católica considera o casamento de dois cristãos batizados que não são membros dela como sendo verdadeiro casamento e verdadeiro Sacramento, mesmo que a testemunha seja um ministro protestante ou um juiz.

Depois da vinda de Cristo, S. Paulo nos diz uma coisa admirável sobre o casamento: "Maridos, amai vossas mulheres tal como também Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela a fim de santificá-la... assim também devem os maridos amar suas mulheres como a seus próprios corpos. Aquêles que ama a sua própria carne ama a si mesmo. Porque ninguém jamais odiou a sua carne; pelo contrário, alimenta-a e trata-a como também Cristo o faz à Igreja (pois somos membros do corpo dêle, feitos da sua

carne e dos seus ossos). "Por isto, deixará o homem seu pai e sua mãe, e unir-se-á a sua mulher: e serão dois numa só carne". E' este um grande sacramento — quero dizer com referência a Cristo e à Igreja" (Ef 5, 25-32).

Unidos com Cristo

Através do pensamento de S. Paulo, conforme expresso nos seus escritos, desenvolve-se o tema da Redenção — de que somos salvos estando unidos com Cristo, de que pela fé e pelo Batismo somos feitos membros do Corpo de Cristo, isto é, a Igreja, e, assim unidos com êle, vivemos a vida dêle, que é sustentada pelos Sacramentos e que, finalmente, nos levará à perfeita felicidade no Céu. Ele chamou a isto o "mistério" que êle pregava.

Quando veio a falar do casamento, êle usou a mesma palavra, e estabeleceu o mesmo princípio geral de que o casamento de cristãos é semelhante à união existente entre Cristo e a sua Igreja, e daí emanam tôdas as suas conclusões.

Assim como Cristo fundou uma só Igreja, assim também um marido só pode ter uma única mulher. Assim como nunca pode haver divórcio entre Cristo e a Igreja, com a qual êle prometeu ficar todos os dias até o fim dos tempos, assim também nunca pode haver divórcio entre marido e mulher cristãos. Assim como Cristo sempre ama e protege a sua Igreja, assim também devem os maridos amar e proteger suas mulheres. Assim como a Igreja

sempre foi fiel a Cristo e obediente à sua vontade, assim também devem as mulheres respeitar e obedecer a seus maridos. E, assim como a Igreja é frutuosa em razão da graça de Cristo mediante a qual nós renascemos no Sacramento do Batismo, assim também a esposa cristã dá à luz os filhos que Deus lhe envia como resultado do seu casamento. Ela nunca frustra deliberadamente a união pretendida por Cristo como semelhante à existente entre Êle mesmo e a sua Igreja.

Vidas cristãs

Tal é o ideal do casamento contraído por cristãos batizados. Para êles, o seu vínculo conjugal é um meio pelo qual Cristo os habilita a viverem verdadeiras vidas cristãs, unidos a Êle e entre si. Através do seu casamento, êles recebem os auxílios divinos necessitados não só para salvarem suas almas, como também para cumprirem as obrigações e suportarem as múltiplas dificuldades que as suas vidas entrelaçadas podem acarretar.

Assim, através do Sacramento do Matrimônio, bênçãos verdadeiramente divinas advêm ao marido e à mulher cristãos. A primeira delas são os filhos — o acontecimento abençoado que é o quinhão dos que são pais, pelo qual êles cooperam com Deus em continuar a raça humana e em trazer à existência filhos que são dêles e são também filhos adotivos de Deus. E' um grande privilégio e um depósito sa

ado serem eles responsáveis pela criação e educação de seus filhos... pela conveniente formação dessas mentes jovens na vontade de Deus.

Esta é a razão para a atitude da Igreja Católica em face dos tempos modernos que tendem a primar e degradar o casamento e o lar. A Igreja não insiste em grandes famílias, mas insiste na finalidade do casamento de acordo com a lei de Deus, e opõe-se aos que desrespeitam e esquivam dessa lei. Deus privilegiou o marido e a mulher permitindo que eles cooperassem com Ele em trazer à existência novos seres humanos. A fim de tornar esta agradável e não pesada o peso pelo qual esse privilégio é exercido, o Autor da natureza tornou-o agradável. A auferição de prazer físico e anti-social do prazer, quando se perverte o ato para destruir o fim pretendido pelo Autor da natureza, é contrária à vontade de Deus e não pode ser justificada por quaisquer razões de circunstância. Porqu岸 sejam quais forem os motivos, há sempre a mesma perversão da lei da natureza e ofensa a Deus da natureza.

Não como os animais

A união do homem com a mulher não é o acasalamento de animais. É a cooperação de criaturas racionais com o seu Criador em estabelecer uma família, que é a base da sociedade do gênero humano. É uma coisa santa e boa, e não para ser

usada como mera satisfação da lascívia.

O Sacramento do matrimônio traz ao homem e à mulher a bênção da fidelidade mútua, do mútuo amor de verdadeira amizade. E verdadeiramente é uma bênção quando um homem e uma mulher se unem em puro amor e se entrelaçam um com o outro pela duração de suas vidas.

Para assegurar essa fidelidade e a formação dessa união permanente que é só a que pode garantir o conveniente nascimento e educação de filhos na vida de família, o Criador fez o estado matrimonial permanente e monogâmico. Assim como o homem tem um só corpo, assim também deve ter uma só mulher. Esta mútua fidelidade não poderia existir se uma mulher devesse ter muitos maridos ou um homem ter muitas mulheres. Os filhos não poderiam ser suscitados e educados para a glória de Deus se não houvesse uma união estável de pai e mãe para preservar a família.

A Igreja Católica, portanto, protege a santidade do vínculo conjugal, tal como Cristo o decretou. "Todo aquele que repudia sua mulher e se casa com outra comete adultério; e aquele que se casa com uma mulher repudiada por seu marido comete adultério" (Lc 16, 18). Não há exceção à regra de Deus. "O que Deus uniu o homem não separe" (Mt 19, 6).

Algumas pessoas pensam que Cristo fez exceção à sua proibição do divórcio. Acreditam que

o divórcio e o recasamento são legais para a parte prejudicada em caso de adultério. Como prova disso citam as palavras de Cristo como registadas por S. Mateus (19, 9): "E eu vos digo que todo aquêlê que repudiar sua mulher a não ser por adultério, e se casa com outra, comete adultério; e aquêlê que se casa com uma mulher repudia-da comete adultério".

O juízo de Cristo, entretanto, é absoluto. Ele evocava aí a tolerância do divórcio concedida aos Judeus, e restabelecia o matrimônio na dignidade que êste tinha, recebida de Deus, desde o começo.

Ao interpretarmos qualquer passagem da Escritura, devemos comparar essa passagem com outras onde a mesma afirmação é feita nas mesmas ou em equivalentes palavras. Deve-se notar que, na sua versão das palavras de Nosso Senhor, S. Lucas não fez menção de qualquer exceção — nem a faz S. Marcos (10, 9-12). S. Paulo, quando resumiu a doutrina cristã sôbre a permanência do matrimônio para os seus Gentios convertidos, declarou simplesmente: "Uma espôsa está ligada pela lei enquanto seu marido viver, mas, se seu marido morrer, está em liberdade; case-se com quem quiser, mas sômente no Senhor" (1 Cor 7, 39). Aparente é, pois, que Cristo estava tornando claro aos Judeus que, embora êles ainda pudessem "repudiar" suas mulheres por causa de adultério, não podiam casar-se outra vez.

Com o desejo de promover casamentos felizes, nos quais nada haja capaz de ameaçar a bênção da mútua fidelidade, a Igreja Católica é inflexível com relação às condições que ela prescreve para o casamento. No caso de católicos, prescreve ela que nenhum casamento pode ser contraído senão na presença de um sacerdote católico. Isto visa a assegurar a conveniente investigação das circunstâncias das partes e certificar-se de não haver impedimento ao casamento — nada que possa tornar o casamento impossível e o contrato de casamento inválido.

Todos os católicos são obrigados por esta lei, quer se casem com um católico, quer com um acatólico. Mas, por isso que os acatólicos não respeitam a sua autoridade na matéria, a Igreja especificamente os isenta dessa lei, e, assim, considera válidos os casamentos dêles, seja lá onde ou por quem forem realizados, a não ser, está claro, que também houvesse algum impedimento no seu caso.

Casamentos mistos

A Igreja também desaprova os casamentos mistos — casamentos entre católicos e não-católicos. Onde quer que essa íntima união de homens com mulheres é contraída para a formação de uma família, há grande perigo para a felicidade futura quando as duas partes estão divididas sôbre matéria tão fundamental como a religião.

Em casos excepcionais, quando é dada a segurança de que tanto quanto possível êsse perigo será reduzido ao mínimo, a Igreja Católica permitirá um casamento misto. As condições usuais para tal permissão são que a Fé da parte católica seja protegida, e que os filhos resultantes do casamento sejam criados e educados como católicos. A parte não-católica é solicitada a garantir estas condições por uma promessa escrita.

Embora reconhecido que muita gente adere a outras religiões com sincera convicção e irrepreensível boa-fé, essas outras religiões são consideradas erradas na medida em que colidem com o ensino católico. Porque a Igreja Católica reivindica ser a única igreja verdadeira fundada por Jesus Cristo. E', portanto, simplesmente lógico e coerente insistir em que os filhos de qualquer católico sejam educados na Fé católica.

E nem a parte não-católica é tratada injustamente por ser solicitada a fazer êsse ajuste. A exigência da Igreja Católica não é secreta, e ninguém é forçado a se casar com um católico.

A liberdade de consciência não é aí violada mais do que, por exemplo, quando um moço deseja frequentar uma academia

militar e deve, para isso, aceitar não se casar durante o seu tempo de estudo ali. Não há infração da sua liberdade de consciência, visto consentir êle livremente nessa condição e não ser forçado a frequentar tal escola.

O Sacramento do Matrimônio é, por si mesmo, uma bênção para o marido e a mulher católicos. A vida conjugal acarreta muitas dificuldades e provações... muitos e pesados deveres, cujo cumprimento requer heróica virtude cristã. Há ocasiões em que marido e mulher precisam da ajuda de Deus de maneira especial para cumprirem as obrigações que assumiram ao ingressarem na vida conjugal. Mas, elevando o casamento à dignidade de Sacramento, Cristo tornou-o o meio pelo qual Ele dispensaria o auxílio para tôdas essas coisas.

Estas são as principais bênçãos do casamento, um dos sete meios que Cristo nos deixou para a aplicação dos frutos da sua Redenção às vidas individuais. Verdadeiramente pôde êle ser comparado por S. Paulo à união de Cristo com a sua Igreja. Porquanto o amor divino que salvou o mundo acha a sua contrapartida no amor humano daqueles que estão unidos em matrimônio cristão.

Arranjem um Padre -qualquer Padre!

Carregaram-no para dentro do abrigo de emergência, mutilado e moribundo; e as únicas palavras que lhe brotaram dos lábios foram: "Arranjem um padre — qualquer padre!"

"Mandem chamar o capelão católico", ordenou o médico-assistente, "ou qualquer padre católico! Não importa. Tenho visto morrerem uma porção de católicos, e, por mais longe que eles tenham ido, invariavelmente mandam chamar um padre. Coisa engraçada!"

Engraçada? Absolutamente não... se se compreende como são importantes para um católico os Sacramentos de Cristo, e a necessidade de um padre para os administrar.

Por mais fiel à lei de Deus que tenha sido um católico moribundo... por mais recentemente que ele tenha procurado o perdão de Deus para os seus pecados, na Confissão ... quando a morte se aproxima, o seu maior desejo é fazer a sua Confissão final, receber seu Salvador na Sagrada Comunhão e fruir dos auxílios divinos da Extrema-Unção — a Última Unção.

Morte sem pecado

Morrer "fortificado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

ja" é a prece constante — a prece diária de todo católico sincero. E' por isto que ele manda chamar um padre quando lhe é dada a conhecer a sua condição crítica. E' por isto que o padre católico está pronto, dia e noite, com bom tempo ou com mau tempo, a correr para o lado do doente grave e moribundo.

Pode o padre católico ser ou não ser um pregador eloquente. Pode não ter uma personalidade insinuante. Pode ter ou não ter o quinhão médio de fraqueza humana. Mas, quando administra os Sacramentos que Cristo nos deixou, age como delegado designado pelo próprio Cristo... exerce os poderes dados por Cristo tão seguramente, tão efetivamente, como o fizeram os Apóstolos de Jesus Cristo há 1900 anos.

Todo católico sabe disto, e é por isto que, quando a morte se aproxima, ele manda chamar um padre, conforme as palavras de S. Tiago: "Alguém está doente entre vós? Mande chamar os sacerdotes da Igreja, e rezem estes por ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente: e o Senhor o aliviará, e, se ele estiver em pecados, estes ser-lhes-ão perdoados" (5, 14-15).

O cristão experimentou um renascimento para a vida cristã por meio do Batismo, foi fortalecido por meio da Confirmação, curado por meio da Confissão e alimentado com a força de Cristo por meio da Sagrada Comunhão. E vem um tempo em que ele deve passar à recompensa a que aspirou. O momento da morte é o mais crucial e o mais importante na sua existência terrena... "estatuído está que o homem morra uma vez só, e depois disto o juízo...". Como morrer, assim ficará ele para sempre.

— Estamos desamparados?

O momento da morte é cercado das suas dificuldades peculiares, que dão origem às peculiares necessidades d'ele. Os que estiveram perto da morte mas arribaram dizem-nos dos seus temores a respeito da sua salvação... dizem-nos que ficaram incapazes de rezar... que a sua angústia e dor ou o embotamento dos seus sentidos não lhes permitiam pensamento da salvação da sua alma... que experimentaram graves tentações, especialmente o sentimento de serem abandonados por Deus. Para perigos tais como estes, o cristão necessita da ajuda de Cristo a ele dada por meio de um Sacramento, e esse Sacramento é a Extrema-unção — a Última Unção.

Ela é chamada a "última" para distingui-la de outras unções ocorrentes no Batismo, na Con-

firmação ou nas Santas Ordens. Normalmente, ela é a última.

"Alguém está doente entre vós?" Evidentemente isto quer dizer alguém em perigo de morte por doença. O perigo de morte pode provir de doença ou de um acidente fatal, ou pode ser o tranqüilo declínio da velhice que traz uma pessoa finalmente aos seus últimos poucos dias na terra. Mas, para todos, a necessidade é a mesma — o fim da vida está à mão.

"Mande chamar os sacerdotes da Igreja". Antigamente, mais de um sacerdote administrava este Sacramento, e este ainda é o caso em muitas partes da Igreja, especialmente nos países orientais. Mas na parte do mundo com que estamos familiarizados, usualmente um só sacerdote é suficiente como ministro deste Sacramento

O que dizem as Escrituras

"E rezem por ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor". Quando o padre é mandado chamar, reza a Deus por esse cristão à beira da morte, e unge os vários sentidos e membros do moribundo. Molhando o polegar no óleo bento, traça-lhe a forma de uma cruz sobre os olhos, ouvidos, narinas, mãos e pés, enquanto reza: "Mediante esta santa unção e pela sua amantíssima misericórdia, perdoe-te o Senhor tudo quanto pecaste, pela vista, pelo ouvido, etc." Esta é a oração da fé de que fala S. Tiago.

"E a oração da fé salvará o doente". A Extrema-Unção tem uma finalidade especial, e há um

sentido especial em que é dito que ela "salva".

A Extrema-Unção completa e aperfeiçoa os efeitos do Sacramento da Penitência. Como Sacramento, a confissão dos pecados foi instituída por Cristo para conceder perdão e restituir a vida cristã àqueles que a perderam por efeito de pecados graves. Semelhante a uma queimadura grave, o pecado pode ser curado, mas fica uma cicatriz.

A última manchinha

Embora seja perdoado, o pecado deixa os seus efeitos posteriores. Há o enfraquecimento do caráter... a inclinação para o mal, a qual persiste... a dificuldade que se experimenta em fazer o bem. Esses efeitos posteriores do pecado são incompatíveis com o Céu, porquanto: "Nêle não entrará nada manchado" (Apoc 21, 21). Mediante a *Extrema-Unção*, Cristo verdadeiramente "salva" o cristão moribundo, removendo êsses resíduos do pecado e preparando-o para imediata entrada no Céu.

E há também as tentações a que os moribundos estão sujeitos. Para os fortalecer contra estas, êste Sacramento ajuda o tentado a resistir ao último e feroz ataque do demônio.

"*E o Senhor o aliviará*". A *Extrema-Unção*, consoante S. Tiago, é primeiramente para as necessidades espirituais do cristão

moribundo. Se essas necessidades forem mais bem servidas pelo restabelecimento da sua saúde, então Cristo usará êste Sacramento para produzir êsse efeito. De fato, qualquer padre católico pode dizer-vos de notáveis restabelecimentos conseqüentes à *Extrema-Unção*... de casos em que Deus deu aos que estavam em perigo de morte outro período de graça para a melhoria da sua vida cristã.

"*E, se êle estiver em pecados, êstes ser-lhes-ão perdoados*". Estas palavras tornam claro que a *Extrema-Unção* não está primariamente relacionada com o perdão do pecado. Sômente sob a condição de ser o cristão moribundo réu de pecado grave, e de, sem culpa sua, não se ter feito perdoar êsses pecados no Sacramento da Penitência, é que, na *Extrema-Unção*, Cristo perdoará essas ofensas e, se o cristão moribundo receber êste Sacramento com disposições de pesar, êsses pecados ser-lhe-ão perdoados.

Assim, a *Extrema-Unção* é o meio estabelecido por Cristo para habilitar os cristãos a bem morrerem. Ela é a resposta de Cristo às dificuldades que cercam os últimos momentos da vida.

Não é, pois, difícil ver por que razão todo católico, ameaçado de morte iminente, manda chamar um padre — qualquer padre.

9

Os sete Sacramentos de Cristo

Artigos que todo cristão deveria ler, concernentes aos meios que Cristo deixou para a nossa salvação:

Conteúdo:

- A Vida começa no Batismo.
- Recebereis a Fôrça quando o Espírito Santo vier sôbre vós.
- Este Alimento é chamado Eucaristia.
- Por que os Católicos lhe chamam "Pai".
- O que os Sacramentos significavam para os Cristão primitivos.
- E a Paz de Deus brilha nos olhos dêles.
- O que o Padre diz à Noiva e ao Noivo.
- Arranjem um Padre, qualquer Padre!

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica